

FASTOS III DE OVÍDIO: TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

Marcos Sérgio ZANCHETTA Jr.
Orientadora: Profa. Dra Patricia Prata

Resumo: Este artigo apresenta os resultados parciais do estudo do terceiro livro dos *Fastos* de Públio Ovídio Nasão, que vimos desenvolvendo no âmbito das disciplinas de Investigação Científica e da Iniciação Científica PIBIC-CNPq. Nele, fazemos uma apresentação geral dos *Fastos* e de suas principais características e, especificamente, do livro III, bem como uma análise dos episódios da invocação de Marte (*F.* III, 1-8) e da relação de Marte e Réia Sílvia (*F.* III, 9-44), em que é apresentado o sonho de Réia Sílvia sobre o nascimento dos gêmeos Rômulo e Remo, além da tradução dos primeiros 44 versos do livro III, com notas explicativas. Na análise, procuramos demonstrar como, nos *Fastos* III, escrito em dístico elegíaco, há um jogo genérico entre a elegia amorosa e a épica.

Palavras-chave: Estudos Clássicos (Latim); Ovídio, *Fastos* III; tradução.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito apresentar os resultados parciais de nossa pesquisa de Iniciação Científica que vimos desenvolvendo no âmbito das disciplinas de Investigação Científica e da Iniciação Científica PIBIC-CNPq (vigência: 01/09/2022 - 31/08/2023), como voluntário, na área de Estudos Clássicos (Latim). O objetivo de nossa pesquisa é a tradução do livro III dos *Fastos* de Ovídio, acompanhada de notas explicativas, e um estudo introdutório sobre a obra, bem como a análise de passagens do livro III. Para a análise do poema partimos de estudos que consideram o jogo alusivo que o poeta estabelece com a tradição e com a convenção dos gêneros poéticos latinos. Desse modo, seguindo nossa proposta de pesquisa, este artigo está dividido em três partes: uma apresentação geral dos *Fastos* e de suas principais características; uma apresentação do livro III e, por fim, a análise de duas passagens desse livro: a invocação do deus Marte (*F.* III, 1-8) e a relação de Marte e Réia Sílvia (*F.* III, 9-44). Apresentamos também a tradução anotada desses versos.

Públio Ovídio Nasão nasceu em Sulmona, atual Abruzzo, em março do ano 43 a.C. Ele estudou nas escolas de retórica de Roma de Aurélio Fusco e Pórcio Latrão, tendo, posteriormente, se aproximado do círculo literário de Messala Corvino, estabelecendo relações com os mais importantes literatos de sua época (CONTE, 1994, p. 340). Em 8 d.C., entretanto, foi relegado por Augusto César e enviado em exílio para Tomos, atual Constanza, na Romênia. As causas de sua rejeição ainda são debatidas e mesmo questionadas, uma vez que grande parte das informações de sua vida são retiradas da própria obra do poeta (CONTE, 1994, p. 340; PRATA, 2019, p.213). Ovídio morreu em 17 ou 18 d.C.

Ovídio é autor de extensa obra poética. Entre suas obras, citamos *Amores*, *Ars Amatoria*, *Remedia Amoris* e *Medicamina faciei feminae*; *Metamorphoses*; *Tristia*;

Epistulae ex Ponto; *Fasti*; *Heroides*; e uma tragédia, obra que não sobreviveu até os dias de hoje, *Medea*. Quanto às características de seus escritos, o autor é famoso pelo patente jogo alusivo que estabelece com a tradição e pela mescla de gêneros. Como nos diz Albrecht, em seu verbete “Ovídio” na *Enciclopedia Virgiliana* (vol. III, 1987, p. 907-909), Nasão é um mestre na transposição de gêneros, e o faz de forma sutil e elegante, sem quebrar os limites dos mesmos. Em toda a obra do poeta, ainda de acordo com Albrecht, é possível observar um confronto entre gêneros, principalmente entre o épico e o elegíaco, pois Ovídio “evidentemente se diverte quando trata o assunto épico de um ponto de vista antiépico e antieróico” (p. 908).¹

Segundo Tarrant (2003), Ovídio reelabora e expande temas e formas de outros poetas de sua tradição. Ele dialoga com seus antecessores imediatos, como Propércio e Tibulo, com contemporâneos, como Virgílio, e com a tradição greco-romana. A *Ars amatoria*, por exemplo, como discute Tarrant (2003), possui uma interação complexa de gêneros. Sua estratégia básica é lançar mão de elementos comuns à poesia didática, mas versando sobre um assunto não muito elevado, as relações amorosas, no metro elegíaco,² comum à elegia amorosa, e não o hexâmetro, metro utilizado na poesia didática e também épica. Nos *Amores*, ainda segundo esse autor, a contribuição de Ovídio para a elegia amorosa “tradicional” é o confronto com outros gêneros. *Amores* 1.1 é famosamente iniciado pela repetição da palavra de abertura da *Eneida*, “arma”, criando a antecipação de que o poema será um épico. Entretanto, a intervenção do Cupido - roubando um pé métrico do segundo verso, tornando-o um pentâmetro que, junto do hexâmetro, formam o dístico elegíaco - subverte a tentativa do poeta de escrever uma épica e o lança no universo amoroso da elegia.

Desse modo, na segunda metade do século XX, a crítica da obra de Ovídio passou a considerar cada vez mais o jogo que ele estabelece com a tradição e com seus antecessores, o que permitiu a ampliação do escopo de compreensão de sua obra. Um conjunto de diversos estudos foram realizados desde então sobre os escritos do autor. Entre eles, estão Hinds (1987), Barchiesi (1997) e Harrison (2006). Também no Brasil vemos este movimento de reavaliação da obra de Ovídio. Citamos alguns trabalhos que tratam do diálogo, de um ponto de vista intertextual, que o autor estabelece com outras obras de sua tradição literária. Trevizam, em 2003, discute como, na composição poética da obra *Ars Amatoria*, Ovídio se apropriou de elementos tanto da elegia erótica romana quanto da poesia didática greco romana. Prata, em 2007, realiza um estudo sobre a presença de elementos épicos, sobretudo da *Eneida*, nos *Tristia* de Ovídio, considerada desde muito

1. “si diverte palesemente a trattare la materia ‘epica’ da un’angolatura antiepica e antierioica.”

2. O dístico elegíaco consiste de um hexâmetro seguido por um pentâmetro

uma obra apenas autobiográfica.³ Bem (2011) analisa, entre outras questões, a confluência de diversos gêneros na composição dos *Amores*. Santos (2015) discute a questão da autobiografia na obra do poeta e como os *Tristia* lidam com a tradição da elegia erótica romana.

OS *FASTOS*

Os *Fastos*, segundo Green (2004, p. ix), tinham recebido, até os anos 1970, pouca atenção dos latinistas. A partir da metade dessa década, a obra vem sendo relida, traduzida e comentada pelos estudiosos. Quanto a seu estudo no Brasil, há uma tradução recente dos seis livros que a compõem, traduzidos por Márcio Meirelles Gouvêa Júnior (2015). Há, além dessa, a tradução do livro II realizada por Faustino (2014) que se encontra em sua dissertação, em que a autora estuda a presença de elementos do gêneros épicos e da elegia amorosa e suas imbricações na composição do poema.

Os *Fastos* são caracterizados em manuais de literatura como a incursão de Ovídio na poesia cívica, cujo projeto era ilustrar os costumes do Lácio de acordo com o calendário romano. Originalmente, seriam doze livros, um para cada mês do ano, mas seu exílio teria feito com que somente seis chegassem até nós (CONTE, 1994, p. 355). Sua influência mais direta é o trabalho do poeta grego Calímaco, cujos *Aitia* são o modelo para o poema. A obra do poeta latino tem relações com a do grego tanto em termos da técnica de composição quanto por seu caráter etiológico, já que os poetas procuram nos mitos as causas para sua realidade presente (CONTE, 1994 p. 356). Ovídio busca, ainda, diversas outras fontes antigas, como o gramático Vêrrio Flaco, Varrão e Lívio, retirando dessas fontes um conjunto variado de tradições e conhecimentos astrológicos, religiosos e legais, como forma de buscar as origens antigas dos costumes de sua época, que era uma tendência da ideologia augustana (CONTE, 1994 p. 356).⁴

Os estudiosos na segunda metade do séc. XX começam a entender os *Fastos* não como um simples poema-calendário ou um artefato de informações históricas e mitológicas, como o classificam certos estudos, mas como uma obra que tem como princípio um conjunto de procedimentos composicionais observáveis também no resto

3. Tal fato levou a diversas leituras biografistas da obra do poeta, que não levavam em consideração, muitas vezes, características propriamente literárias. Tal leitura biografista, segundo Albrecht (1997, p. 786), foi permitida por conta de Ovídio ter sido o primeiro poeta romano cuja autobiografia foi preservada nos *Tristia* IV, 10. Segundo Nagle (1980), a partir dos anos 50, a obra de Ovídio passou por uma transformação, com estudos direcionados às características literárias da obra.

4. Citando Conte : “From Verrius Flaccus (the grammarian who was the author of a commentary on the Roman calendar [see p. 386]), Varro, Livy, and others he reaps a huge harvest of antiquarian, religious, legal, and astronomical lore, which he employs to illustrate beliefs, rites, usages, and place names—all this part of the rediscovery of ancient origins that was a fundamental tendency of Augustan ideology.” (1994, p. 356)

do *corpus* do autor, que é o jogo alusivo alusivo com a tradição, que envolve também um jogo com a convenção dos gêneros da literatura latina. Assim, na esteira desses estudos modernos sobre Ovídio e sua obra, realizamos uma pesquisa que busca compreender como essa mistura de gêneros se apresenta no livro III.

***FASTOS* III**

Março é o mês dedicado a Marte, e Ovídio começa o livro III invocando-o: *Bellice* (“Ó, guerreiro”, v. 1). Mas, como mostraremos na análise da invocação ao deus nos primeiros oito versos do poema feita no item 5.1 deste artigo, o Marte dos *Fastos* é instado a se desarmar. Seu desarme é o símbolo-chave dos temas presentes no livro III, um indicativo do movimento geral da narrativa (HEYWORTH, 2019, p. 21), que inclui diversos outros episódios nos quais o deus fica afastado dos eventos. O desarme de Marte é feito para que ele possa se adentrar no poema, que versa sobre temáticas que não são bélicas. O deus, portanto, às vezes se afasta da narrativa principal, pois Ovídio celebra, em diversas passagens no livro dedicado ao deus guerreiro, não as guerras de Roma, mas as festividades do povo comum, trazendo também outras divindades cultuadas neste mês (HEYWORTH, 2019, p. 23) .

A temática amorosa também se encontra presente no livro entrelaçada à temática histórica-mitológica, como, por exemplo, quando se narra que o deus da guerra cai de amores por Réia Sílvia (*F. III*, 9-24). Da relação ilícita de Marte e Réia Sílvia vem a descendência de Roma, uma vez que Rômulo e Remo são seus filhos. Ovídio passa, após narrar a relação amorosa entre Marte e Réia Sílvia, à história dos gêmeos e da fundação da cidade, bem como à nomeação do mês de março em homenagem a Marte - ao fim da narrativa da derrota de Amúlio, o tio de Réia Sílvia que tenta usurpar o trono, pelos gêmeos, eles homenageiam o mês com o nome do deus guerreiro (*F. III*, 43-78). A partir deste ponto, o poema foca nos diversos cultos a Marte pelos povos antigos (*F. III*, 79-98) e, na sequência (*F. III*, 98-166), é apresentada a constituição do calendário romano. No verso 167, o poeta pergunta diretamente a Marte o motivo de ele ser cultuado por mulheres e o deus responde contando a história do rapto das sabinas (*F. III*, 179-234). Deste ponto até o verso 392, são apresentadas diversas histórias que tratam de Numa, o segundo rei romano⁵. Segundo Heyworth (2019, p. 21), esse conjunto de histórias é a maior sequência narrativa do poema: há, aqui, uma continuidade que vai do estupro de

5. Segundo Grimal (2005, p. 333), Numa é o segundo rei de Roma. Ele nasceu no dia em que Roma foi fundada por Rômulo, e casou-se com Tácia, filha de Tito Tácio. São atribuídos a ele a criação da maior parte dos cultos e das instituições romanas.

Sílvia ao rapto das sabinas⁶ e à história de Numa, episódios que fazem parte da narrativa da fundação de Roma. A partir do verso 392, têm lugar diversas referências à origem das constelações e a descrições de festas romanas (*F.* III, 399-544 e 793-844).

O poema também faz referência a outros deuses, cujas narrativas têm como foco não a guerra, mas a relação amorosa. É-nos apresentada a história de Baco⁷ e Ariadne, que abandonou Teseu para relacionar-se amorosamente com este deus. Aqui, o belicismo dá lugar às atribuições amorosas desses dois personagens, uma vez que a vitória de Baco contra os indianos é apresentada em apenas dois versos (*F.* III, 465-466), ficando a narrativa amorosa em primeiro plano. Além de Baco, Minerva também é trazida ao poema, com o intuito de narrar a paixão de Marte por ela (*F.* III, 681-682). Dos versos 675 a 696, é apresentada a história de Ana Perena⁸ e Marte, em que ela engana o deus, que pensara ser ela a deusa Minerva.⁹ Como observamos, mais uma vez, a temática da guerra dá lugar às relações amorosas.

Vemos, portanto, que as temáticas bélicas, associadas a Marte, não são exatamente o ponto principal do livro III: Ovídio invoca Marte logo no início deste livro, mas não para narrar suas faculdades guerreiras, como se esperaria de um poema dedicado a esse deus, mas sim por suas aventuras amorosas.

Tecidos esses comentários sobre a temática do livro III, apresentamos a divisão dos assuntos narrados, como proposto por Heyworth (pp. 18-19, 2019):¹⁰

1-166: Rômulo nomeia o mês em homenagem a Marte. É descrito o estupro de Sílvia e o nascimento e crescimento dos gêmeos.¹¹

167-258: diálogo do poeta com Marte. Apresenta-se a narrativa do rapto das Sabinas.

6. Os sabinos (*sabini*) eram povos da Itália antiga e ocupavam uma área no nordeste de Roma, seguindo o curso do rio Tibre em sua parte ocidental. O rapto das mulheres sabinas, e a subsequente guerra e reconciliação que levou à integração dos sabinos à sociedade romana sob o comando de Rômulo e Tito Tácio são centrais às histórias da formação do povo romano (*OCD*, p. 1342)

7. Baco é o descobridor do vinho e do mel; do drama, do etilismo, da risada e da liberdade (HEYWORTH, 2019, p. 23). Essas características apontam para a amplitude dos episódios mostrados no livro III dos *Fastos*, que se distanciam da temática bélica.

8. Ana Perena é uma deusa romana cujo festival é comemorado em 15 de março. Ovídio conta três histórias sobre ela: na primeira, a identifica como a irmã de Dido (*F.* III, 545-656); na segunda, com uma velha mulher de Bovila, uma cidade próxima a Roma, com nome de Ana, que alimenta os plebeus durante a secessão do *mons Sacer* (*F.* III, 663-674) e, na terceira, após sua apoteose (*F.* III, 675-696), ela apresenta uma etiologia dos versos ribaldos a partir do encontro com Marte Gradivo (*OCD*, p. 95).

9. De acordo com Grimal (2005, p. 24-25), Marte é apaixonado por Minerva. Ana Perena faz o papel de alcoviteira e marca um encontro amoroso entre Marte e Minerva, porque Minerva, que era casta, resistia às aproximações de Marte.

10. Seguimos a tradução dos nomes próprios apresentada por Gouvêa (2015), em sua tradução recente do poema para o português.

11. A relação entre Marte e Sílvia e o nascimento de Rômulo e Remo são temas deste artigo.

- 259-392: etiologia dos ritos dos sálíos. Inclui a apresentação de Egéria e Numa, a invenção dos ritos de Jove Elício para expiar o trovão, o envio dos escudos ancilos por Júpiter aos sálíos, cuja cópia de Mamúrio está com Numa.
- 393-398: interdição dos casamentos [subtítulo proposto por Gouvêa (2015)].
- 399-402: 3 de março: a constelação de Peixes.
- 403-414: 5 de março: a constelação de Bootes.
- 415-428: 6 de março: aniversário da nomeação de Augusto como *Pontifex Maximus*.
- 429-448: 7 de março: as Nonas de Março; o templo de Jove.
- 449-458: a constelação de Pégaso.
- 459-516: 8 de março: a Coroa Cretense, que inclui a história da vida de Ariadne casada com Baco.
- 517-522: 14 de março: as segundas Equírrias¹².
- 523-696: 15 de março, os Idos de Março: a celebração de Ana Perena, que inclui sua vinda ao Lácio após a morte de Dido, a história de Ana de Bovila e a etiologia das canções ribaldas: Ana Perena engana Marte.
- 597-710: o assassinato de Júlio César.
- 711-712: 16 de março: a constelação de Escorpião.
- 713-790: as Liberálias, incluindo a descoberta do mel por Baco.
- 791-792: 16 e 17 de março: os argeus.
- 793-808: a constelação de Mílvio.¹³
- 809-848? 19 a 23 de março: as festas Quinquátrias.
- 849-850: 23 de março: as festas Tubilústrias.
- 851-876: a constelação de Áries.
- 877-878: 26 de março: o equinócio.
- 879-882: 30 de março: festival de Jano, Concórdia, Salvação e a Ara da Paz.
- 883-884: 31 de março: templo da Lua.

TRADUÇÃO *FASTOS* III, 1-44

A tradução utiliza o texto estabelecido e comentado por Schilling (1993) para a edição da *Les Belles Lettres*, e é feita em versos livres. Esse tipo de versos possibilita que seja produzida uma tradução justalinear, ou seja, em que que o verso latino e o verso em português brasileiro se correspondam, exceto quando se faz necessário um rearranjo na ordem das palavras em língua portuguesa para uma melhor compreensão do texto. A

12. As Equírrias eram festivais de corrida de cavalo, o primeiro celebrado em 27 de fevereiro e o segundo em 14 de março (*OCD*, p. 530)

13. Tradução segundo subtítulo de Gouvêa (2015).

intenção dessa tradução, portanto, não é ser poética, mas a de permitir que os leitores consigam acompanhar de perto os versos do texto latino.

Segue abaixo o texto latino e a tradução dos primeiros 44 versos com notas explicativas:

| | |
|---|--|
| <i>Bellice, depositis clipeo paulisper et hasta, Mars, ades et nitidas casside solue comas. Forsitan ipse roges quid sit cum Marte poetae: A te qui canitur nomina mensis habet. Ipse vides manibus peragi fera bella Mineruae: Num minus ingenuis artibus illa uacat? Palladis exemplo ponendae tempora sume Cupidis: inuenies et quod inermis agas. Tunc quoque inermis eras, cum te Romana sacerdos Cepit, ut huic Vrbi semina magna dares Siluia Vestalis (quid enim vetat inde moueri?) Sacra lauaturas mane petebat aquas. Ventum erat ad molli decliuem tramite ripam; Ponitur e summa fictilis urna coma: Fessa resedit humo uentosque accepit aperto Pectore, turbatas restituitque comas. Dum sedet, umbrosae salices uolucresque canorae Fecerunt somnos et leue murmur aquae; Blanda quies furtim victis obrepsit ocellis, Et cadit a mento languida facta manus. Mars uidet hanc uisamque cupit potiturque cupita, Et sua diuina furta fefellit ope. Somnus abit, iacet ipsa grauis. Iam scilicet intra Viscera Romanae conditor Urbis erat. Languida consurgit nec scit cur languida surgat et peragit tales arbore nixa sonos: Utile sit faustumque, precor, quod imagine somni Vidimus: an somno clarius illud erat? Ignibus Iliacis aderam, cum lapsa capillis Decidit ante sacros lanea uitta focos inde duae pariter, visu mirabile, palmae surgunt: ex illis altera maior erat,</i> | <p>5</p> <p>10</p> <p>15</p> <p>20</p> <p>25</p> <p>30</p> |
|---|--|

*et gravibus ramis totum protexerat orbem,
contigeratque sua sidera summa coma.
ecce meus ferrum patruus molitur in illas: 35
terreor admonitu, corque timore micat.
Martia, picus, avis gemino pro stipite pugnant
et lupa: tuta per hos utraque palma fuit.’
dixerat, et plenam non firmis viribus urnam
sustulit: implerat, dum sua visa refert. 40
interea crescente Remo, crescente Quirino,
caelesti tumidus pondere venter erat.
quo minus emeritis exiret cursibus annus
restabant nitido iam duo signa deo:*

Ó Guerreiro, soltando um pouco o escudo e a lança,
Ó Marte, esteja aqui e solte do elmo a cabeleira resplandecente.
Talvez tu mesmo perguntes porque o poeta está com Marte¹⁴
É de ti que vem o nome do mês que é cantado.
Tu mesmo vês as ferozes guerras perpetradas pelas mãos de Minerva¹⁵, 5
A exemplo de Palas ¹⁶, arrogue-se o tempo de baixar
a lança¹⁷¹⁸: encontrarás o que fazeres inerte.
Então, também estavas inerte, quando a sacerdotisa romana¹⁹
capturou-o para dares uma nobre descendência para esta cidade. 10
A vestal²⁰ Sílvia (pois o que me impede de contar?),

14. O poeta invoca o deus Marte, deus do mês que será cantado, *Martius*, e pede a ele que deponha suas armas. Esse pedido pretende que o deus use roupas condizentes com o contexto do poema (HEYWORTH, 2019, p. 75).

15. Minerva é venerada em Roma por um duplo aspecto: é uma deusa artesã e técnica e também uma deusa guerreira, no modelo de Athéna-Pallas (SCHILLING, 1993, p. 137).

16. Palas é um epíteto ritual de Atena, deusa denominada de Palas Atena, de origem grega.

17. A convenção romana para representação de Marte é vesti-lo com escudo, lança e capacete (HEYWORTH, 2019, p. 75).

18. Ovídio justapõe *Palladis* (referente a Pallas) e *cuspidis* (lança), pois a origem do nome da deusa, do grego, é “de balançar a lança” (HEYWORTH, 2019, p. 77).

19. Inicia aqui referência à relação entre Réia Sílvia e Marte. Réia Sílvia é mãe de Rômulo e Remo. Entre as diversas variações da lenda de Sílvia, Ovídio se alia à que diz que ela é tornada Vestal por Amúlio, seu tio, que quer usurpar o trono de Numitor (GRIMAL, 2005, p. 405-406)

20. Vesta era a deusa romana do fogo. Seu culto, acredita-se, foi inserido em Roma por Pompílio Numa ou por Rômulo. Era protegido pelas seis sacerdotisas Vestais (*sacerdotes Vestales*), sendo o único tipo de sacerdócio feminino de Roma requereira que suas praticantes mantivessem celibato por pelo menos 30 anos (OCD, 1999, p. 1544).

de manhã, buscava as águas para os ritos de purificação²¹.
Ela viera pelo suave caminho até o declive do rio;
uma urna de argila está depositada sobre as densas cabeleiras.
Exausta, sentou no chão, aceitou de peito aberto os ventos, 15
e arrumou a cabeleira desalinhada.²²
Enquanto ficou sentada, os salgueiros umbrosos,
as aves cantantes e o leve barulho da água a levaram ao sono.
O silêncio meigo, furtivamente, incutiu-se nos olhinhos
vencidos e a mão cai lânguida do queixo, 20
Marte a vê, deseja-a, apodera-se de seu objeto de cobiça
e oculta a relação ilícita²³ com seu divino poder.
Passa-lhe o sono, e ela jaz grávida. Obviamente, já dentro
de seu ventre estava o fundador da cidade.
Débil, ela se levanta sem saber por que fraqueja, 25
e, encostada numa árvore, profere essas palavras:
“Imploro que seja útil e benéfica a imagem que vimos em sonho:
ou aquilo era mais claro que um sonho?
Próxima aos fogos de Tróia²⁴ eu estava quando a fita dos
cabelos caiu na frente do fogo sagrado. 30
Dali, duas palmas parecidas, de aparência miserável,
surgem: delas, uma era maior,
e, com grandes ramos, cobria todo o mundo
e tocavam as constelações com sua folhagem.
Eis! Meu tio prepara o ferro contra elas: 35

21. Segundo Schilling (1993, p. 137), o principal dever das Vestais era manter o fogo perpétuo do santuário de Vesta.

22. Segundo Heyworth (2019, p. 89), o desalinho de seu cabelo é sinal de que não usava a vestimenta comum das Vestais, uma fita no cabelo. Sendo esse o símbolo do sacerdócio delas, essa informação prenuncia o que está por vir, a saber, o crime de Marte e a consequente perda da virgindade por parte da Vestal). Além disso, ao arrumar o cabelo em desalinho, o que demonstra preocupação com a aparência, ela acaba por se tornar um objeto de desejo para Marte, (HEYWORTH, 2019, p. 80). Em *Met.* I, 477, Febe também repete o gesto de prender cabelos, *uitta coercebat positos sine lege capillos* (“Com uma fita, prendia os cabelos ao caso”, *Metamorfozes*, trad. Domingos Lucas Dias, 2017). Em *Met.* I, 497-502, Febo também contempla Dafne: *spectat inornatos collo pendere capillos, / et ‘quid si comantur’ ait; uidet igne micantes / sideribus similes oculos; uidet oscula, quae non / est uidisse satis [...] si qua latent, meliora putat* (“Contempla os cabelos da ninfa que, em desalinho, caem sobre o dorso e diz: ‘O que seria se penteados fossem!’ Vê-lhe os olhos brilhantes de fogo, que parecem astros. Vê-lhe a boca, que não se cansa de olhar [...] A parte coberta mais perfeita lhe parece ainda.” - trad. Domingos Lucas Dias, 2017)

23. Literalmente, significa “furto”. Aqui, é usado em outra conotação, como relação sexual ilícita (*OLD*, verbete *furtum*, sentido 2b)

24. Mais literalmente “fogos de Ília”, outro nome dado à vestal Sílvia.

Estou assustada com a visão, o coração treme de terror.

O picanço, ave gerada do tronco de marte, e a loba²⁵
lutam: uma das palmas foi toda para eles.”

Ela disse, erguendo, sem firmeza²⁶, a urna que
tinha enchido enquanto relembrava sua visão.

40

Enquanto isso, crescendo Remo e crescendo Quirino,
com a influência do céu o ventre estava inchado.

Quando já restavam menos de dois signos²⁷ para que
o deus brilhante²⁸ complete o ano em curso.

Apresentamos, a seguir, os primeiros passos de nossa análise dos versos iniciais do livro III: o prólogo (v. 1-8), em que encontramos a invocação a Marte, o deus a quem é dedicado o mês de março, e o episódio de Marte e Réia Sílvia (v. 9-44), em que é apresentado o sonho de Réia Sílvia sobre o nascimento dos gêmeos Rômulo e Remo.

Análise de dois episódios

5.1. Invocação a Marte (*F. III, 1-8*)

Nos versos 1 e 2, a *persona* poética estabelece uma interlocução com o deus guerreiro, pedindo que este abandone suas armas e a vestimenta militar (o escudo, a lança e o elmo), para que ele possa se adentrar no universo, no ambiente não bélico do poema-calendário. A incursão do deus no poema, que pode causar estranhamento até mesmo a ele, por ser o deus da guerra, como nos narra o poeta nos versos 3 e 4, se deve ao fato de o mês de março lhe ser dedicado. Nos versos 4 a 7, o poeta reforça o pedido para que o deus abandone suas armas e dedique um pouco de seu tempo às artes não bélicas, como o faz Minerva/Palas Atena que, a despeito de inclinação para a guerra, também é a deusa que preside as artes.

É interessante observar o jogo com os gêneros poéticos. Marte aqui pode também representar, além de sua referência ao mês de março, a quem dá o nome, a própria épica, já que é o deus da guerra. O estranhamento de sua presença deve-se ao fato de que não cabe a este ambiente poético, que versa sobre o calendário romano e suas festividades, a guerra. Não há adequação, por isso o deus deve depor por um breve período de tempo suas armas para se adentrar no poema.

25. O picanço e a loba são animais consagrados à Marte e são os animais que intervêm na alimentação dos jovens, em Plutarco, Rom. 4, 2 (SCHILLING, 1993, p. 138).

26. Sílvia é enfraquecida pela experiência (HEYWORTH, , 2019, p. 86).

27. Signos do Zodíaco.

28. Ou seja, o sol.

Do ponto de vista formal, tal inadequação é observada no tipo de verso escolhido, o dístico elegíaco. Em sua *Arte Poética*, Horácio preconiza que a forma deve estar adequada ao conteúdo, ou seja, a métrica à temática do poema e vice-versa:

descriptas seruare uices operumque colores
cur ego si nequeo ignoroque poeta salutor?
Cur nescire pudens praue quam discere malo?
Versibus exponi tragici res comica non uult;
indignatur ítem priuatis ac prope socco
dignis carminibus narrari cena Thyestae
singula quaeque locum teneant sortita decentem. 90

“Se não posso nem sei observar as funções prescritas e os tons característicos dos diversos gêneros, por que hei-de ser saudado como poeta? Qual a razão por que prefiro, com falso pudor, desconhecer-los a aprendê-los? Mesmo a comédia não quer seus assuntos expostos em versos de tragédia e igualmente a ceia de Tiestes não se enquadra na narração em metro vulgar, mais próprio dos socos da comédia. Que cada gênero, bem distribuído, ocupe o lugar que lhe compete.” (trad. R. M. Rosado Fernandes, 2012, p. 118)

Os *Fastos*, que se caracterizam por ser um poema didático de temática elevada, o calendário cívico-religioso romano, e que, portanto, se esperaria que fosse escrito em hexâmetro, o metro da épica e da poesia didática (gêneros elevados), é escrito em dístico elegíaco, metro comumente utilizado na elegia amorosa. Desse modo, o estranhamento é causado por Marte ser invocado num poema que tanto a temática, que não é a guerra, quanto o metro não lhe são apropriados. Fazendo, então, uma leitura metapoética do prólogo, podemos observar, por esta brevíssima análise, que Ovídio joga com as convenções genéricas.

5.2. Marte e Réia Sílvia (F. III, 9-44)

Dos versos 9 ao 44, o poeta trata da relação espúria entre Marte e Réia Sílvia, da qual nasceram os gêmeos Rômulo e Remo. Nesses versos, são narrados o estupro de Réia Sílvia por Marte, sua gravidez dos gêmeos Rômulo e Remo e a visão de que ela tem do futuro romano: a perseguição dos filhos por Amúlio e a salvamento deles da perseguição.²⁹

Concentremo-nos na análise dos versos 11 a 24. Aqui o poeta alude à gênese do povo romano através do crime sexual de Marte. A Vestal desce até o rio para preparar os

29. Schilling (1993) informa que Ovídio baseia seu relato sobre Réia Sílvia em Tito Lívio, em que se narra que ela é relegada ao serviço de Vestal por Amúlio, seu tio (cf. *A História de Roma*, 1.3.10-11). Segundo Grimal (2005), há outra versão para a filiação de Réia Sílvia, em que ela é filha de Enéas.

rituais sagrados. Em um ambiente bucólico, o poeta, chamando atenção para os elementos da fauna e da flora, a mostra caindo no sono. Ao ver essa cena, Marte se aproxima da sacerdotisa e comete seu *furtum*,³⁰ como é designado o ato sexual ilícito cometido pelo deus que, usando de poderes divinos, oculta seu crime. Esse ato dá origem à descendência romana, já que os gêmeos Rômulo e Remo nascem dessa relação.

Nos versos 21 e 22, segundo Heyworth (2019, p. 81), há uma ironia na representação do ato sexual em Ovídio: o ato de Marte dura somente dois versos, contrário às recomendações da *Arte de Amar* (II, v. 683-728).³¹ O estilo, por sua vez, é característico do gênero épico, com repetições da conjunção copulativa enclítica *-que* (“e”) e o uso de verbos ativos. Dessa forma, o vocabulário épico é utilizado em ambiente erótico-amoroso.

Nos versos 25 e 26, Réia Sílvia se levanta após o sono e o crime de Marte, e a cena erótica da lugar, à profecia e à seriedade da fundação de Roma (HEYWORTH, 2019, p. 82). Dos versos 31 a 38, Réia Silva descreve o sonho que teve durante seu sono, que, na realidade, trata-se de uma previsão do futuro de Roma. A genitora da dinastia romana vê duas folhas de palmeira que são perseguidas. Segundo Schilling (1993), as duas folhas fazem referência a Rômulo e Remo: a maior é Rômulo, que ascenderá ao trono romano e será divinizado na figura de Quirino - como diz Heyworth (2019, p. 84), em seu futuro, está a grandeza, pois tocará os céus (v. 34). Nos versos 37 e 38, aparecem as figuras do picanço e da loba. Os dois animais, que são parte do culto a deus marte, salvam os irmãos da perseguição.

Como vemos, a narrativa amorosa entrelaça-se à temática elevada e o jogo genérico aprofunda-se: a fundação do povo romano, temática elevada, é apresentada em versos característicos da elegia.

CONCLUSÃO

Neste artigo, apresentamos uma breve visão geral da vida e obra do autor romano Ovídio e discutimos, mais detidamente, os *Fastos* e seu livro III. O objetivo foi tentar mostrar como Ovídio, chamado por Albrecht como o mestre da transposição de gêneros (“Ovídio”, *Enciclopedia Virgiliana*, vol. III, 1987, p. 907-909), joga com a convenção genérica na composição dos *Fastos* III. Este poema, que se enquadra no gênero didático, dialoga, como vimos pelas análises dos versos 1 a 44, com gêneros com a elegia amorosa e a épica.

30. cf. Nota 17.

31. Por exemplo, *Quaeque morer meme sustineamque rogent* (“e que me suplique que me demore, que me aguente”, *Arte de Amar* II, 690).

Nos dois episódios analisados - a invocação ao deus Marte (v. 1-8) e o estupro de Réia Sílvia e a fundação de Roma (v. 9-44) - observamos que Ovídio justapõe a temática épica (a fundação de Roma e a presença de Marte) à amorosa (a relação ilícita do deus com a Vestal Sílvia). Marte, deus da guerra, é apresentado não em chave épica, mas aparece em narrativas em que os temas amorosos estão em primeiro plano.

REFERÊNCIAS

EDIÇÕES E TRADUÇÕES DOS *FASTOS* DE OVÍDIO

OVID. Ovid's Fasti. Edited and translated by James George Frazer. London: William Heinemann; New York: G. P. Putnam's Sons, 1931.

OVIDE. Les Fastes. Tome I (livres I-III). Texte établi et traduit par Robert Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

OVÍDIO. Fastos. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

EDIÇÕES E TRADUÇÕES DE OUTRAS OBRAS DE OVÍDIO

OVÍDIO. Metamorfoses. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

OVÍDIO. Amores & Arte de amar. Tradução, introduções e notas de Carlos Ascenso André. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DICIONÁRIOS E OBRAS DE REFERÊNCIA

ALMEIDA, A.R. de. Dicionário de latim-português. 3. ed. Porto: Porto Editora, 2008.

FARIA, E. (org.). Dicionário escolar latino-português. 3a ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

GRIMAL, P. Dicionário da mitologia grega e romana. Coautoria de Victor Jabouille. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2000

GLARE, P. G. W. Oxford Latin Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HORNBLOWER, S. & SPAWFORTH, A. Oxford Classical Dictionary. 3rd ed. Oxford; New York, NY: Oxford University Press, c1999.

SARAIVA, F. R. S. Novíssimo Dicionário latino-português. 10a ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.

TORRINHA, F. Dicionário latino-portugues. 7. ed. Porto: Graficos Reunidos.

OUTROS ESTUDOS

ALBRECHT, M. von. “Ovidio”. In: Corte, F. (della). Enciclopedia Virgiliana, vol. III Roma: Enciclopedia Italiana, 1987, pp. 907-909.

ALBRECHT, M. von. A history of Roman literature: from Livius Andronicus to Boethius: with special regard to its influence on world literature. Coautoria de Gareth L Schmeling. New York, NY: E. J. Brill, 1997.

BARCHIESI, A. The poet and the prince: Ovid and Augustan discourse. Berkeley: University of California Press, 1997.

BEM, L. A. de. Metapoesia e confluência genérica nos Amores de Ovídio. Tese (doutorado) - Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2011.

CONTE, G. B. Latin literature: a history. Baltimore ; London: Johns Hopkins University Press, 1994

GOLD, B. (ed.). A Companion to Roman love elegy. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2012.

HINDS, S.. Allusion and intertext: dynamics of appropriation in roman poetry. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

NAGLE, B.R. The Poetics of Exile: Program and Polemic in the *Tristia* and *Epistulae ex Ponto* of Ovid. Latomus, Bruxelas, vol. 170, 1980.

PRATA, P. O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos. Tese de doutorado. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2007.

PRATA, P. Exílio e Autobiografia em *Tristia* 4.10: a construção da persona, da carreira poética e da imortalidade”. In: SOUZA, D. G. de; CABECEIRAS, M. R. (org.). Ovídio: o poeta dos deuses e do amor no bimilenário de sua morte. Arapiraca: Edureal. 2019, p. 213-235.

SANTOS, L. S. dos. Autobiografia e a presença da “Ars Amatoria” nos “Tristia” de Ovídio. Dissertação de mestrado. Campinas,, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2015

TARRANT, R. “Ovid and ancient literary history”. In: HARDIE, P. (editor). The Cambridge Companion to Ovid. Cambridge: Cambridge University Press, p. 13-33, 2002.

TREVIZAM, M. A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da *Ars amatoria* de Ovídio. Dissertação de mestrado. Campinas,, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2003.